

ARTIGO

Sobre a tarde em que virei filósofo



JORGE DAHER
Médico

Uma das tarefas mais adiadas, todavia extremamente prazerosas, é a de arrumar as próprias coisas, organizadas segundo a lógica de cada um, afinal falo de objetos e produções pessoais, que só dizem respeito a nós mesmos.

A gaveta que se enche desorganizadamente de papéis e tralhas, a mesa onde se acumulam afazeres, o disco rígido do computador que estoca pérolas e lixo da internet, documentos já sem utilidade, escritos de cada um.

O valor que damos aquilo que guardamos e que não são considerados objetos de comércio e preciosidade, depende unicamente de cada um e, principalmente, daquilo que erroneamente chamo de estado psicológico do momento. A forma como guardamos esses tesouros, o modo como os dispomos para que sejam por nós alcançados no momento oportuno, mesmo sendo esse momento o dia da limpeza, é particular, única, ainda que obedeçam padrões bem estabelecidos.

Observava minhas coisas, minhas tralhas, à procura de um livro de extrema necessidade naquele momento. Estante é o meu ponto nevrálgico. Meus livros se dispõem de uma for-

ma única, segundo a minha lógica. Fui à estante, sabia que o livro que procurava seria alcançado por minha mão direita, numa prateleira à altura de meu umbigo, quase na extremidade. Movimento automático e... o livro não estava lá. Angústia. Teria emprestado justamente aquele livro? Não, certeza que não. Hipóteses sobrenaturais, como desmaterialização e seqüestro para outra dimensão passaram por minha mente antes de pensar no óbvio, arrumaram minha estante, sem minha permissão. Não posso desconsiderar a terrível sensação de ter sido invadido em meu espaço sagrado, as minhas coisas, corri ao templo de minhas bagunças e, para meu desespero, tudo estava organizado segundo a lógica higiênica de quem se intrometeu em meu local sagrado.

Em meio à raiva e ansiedade, precisava do livro, fui à casa de um amigo, tentar aliviar a situação mental, para ter a lógica inspiração de procurar o que precisava na outra metade da estante, dedução óbvia para todos, menos para mim, emocionalmente mexido. No caminho, uma praça grande, feia e suja, mal cuidada pela população e pelas autoridades, mas o sol se punha em linda tarde de domingo e o encantamento dourado tomou minhas idéias, me fez parar o carro e andar em direção ao ponente, como se buscasse o ouro sagrado.

Na praça feia me dou conta de um carro onde uma mulher jovem e bela olha também para além dos vidros do carro, enxergando algo mais que a violação da estética urbana. Talvez pura impressão minha,

mas seus olhos brilhavam com a mesma intensidade do brilho do astro-rei e fui impelido à sua direção, como se a conhecesse de muito tempo. Não conversamos, apenas a saudação com a mesma intensidade de encantamento por aquele momento, o encantamento por algo além do movimentar do cotidiano.

Imaginei o despertar de Hegel, filósofo alemão, em uma manhã comum para todos de sua época, mas extremamente especial para ele. Olhar além da janela e perceber o mundo e mais além, perceber o Espírito, o anima mundi!

Hegel trouxe o Espírito, o ardor da vida para a Filosofia. Percebeu que o movimento da vida, muitas vezes trágico, muitas vezes assombroso, muitas vezes calmo ou excitante, é o Espírito que permeia a Natureza e se manifesta. Ao afirmar o mundo, a vida e a Natureza, Hegel antevia o mundo atual.

Também na Alemanha, cerca de cinquenta anos depois de Hegel, Nietzsche percebe que o Espírito é a essência da paixão, desenvolve uma vida apaixonada, ainda que conflitada, ainda que uma vida encerrada em loucura.

Como se compreendesse toda Filosofia, ou toda a essência da vida naquele momento e compartilhasse aquele instante, me senti repleto de paz e calma. O amigo ficou esperando, voltei para casa, fui ao outro lado da estante e após vinte minutos já tinha em mãos o livro, cujo tema era o encantamento pela vida como papel da filosofia. Já não precisava mais dele, estava devidamente ciente da lição.

ARTIGO

A telenovelização do universo brasileiro

Imagem da mídia como manada enfurecida ou matilha esfaimada está superada. Não representa nossa realidade. No domingo (24/6), os dois jornalões paulistanos ofereceram aos seus leitores a opção para um novo símbolo da nossa imprensa: uma tela de TV.

As provas: na Folha de S.Paulo, a enorme entrevista da nova namoradina do Brasil, Mônica Veloso — a quem o jornal, dois dias depois, congnominou de “a musa do escândalo”. Destaque no alto da capa da edição dominical do “jornal a serviço do Brasil” e uma página inteira, muito bem produzida, repleta de frases de dramalhão mexicano, tipo “amei demais... aprendi muito porque sofri demais... explorei a minha intimidade”. Faltaram alguns pontos de exclamação, mas isso não tem a menor importância — deve ter sido a matéria mais lida naquela edição.

No outro canto da telona, encenada pelo Estado de S.Paulo, com um pouco mais de compostura (ou menos competência), a entrada em cena da “legitima”, Senhora Dona Verônica, que estoicamente perdoa o marido, Renan Calheiros — “a maior vítima nisso tudo” — e ainda dá-lhe um cascudo: “Homem é mesmo muito besta!” (com ponto de exclamação).

CASA DE QUEM?

Nossos jornais telenovelizaram-se, o país telenovelizou-se, a política telenovelizou-se, nossos valores telenovelizaram-se, a luta contra a “censu-

ra” telenovelizou-se, assim como a esquerda, a direita e as aspirações nacionais telenovelizaram-se. Vivemos em capítulos: a cada seis meses muda o feito do cenário, a cara e a roupa dos figurantes, mas a trama e o teor são os mesmos.

As aparição das rivais no mesmo dia foi coincidência, certamente. Os dois jornalões concorrentes não aceitariam participar de um pool destinado a amortecer outro enorme escândalo, transformando-o numa picaresca comédia de costumes. Isso, sim, seria coisa de telenovela.

Pintou um clima e as redações, devidamente estimuladas pelos marqueteiros, reagiram da mesma forma. Crise política não vende jornal, ainda mais quando estica demais. A saída é fazer da crise política mais um capítulo da telenovela nacional.

O curioso é que a TV Globo, dona da telenovelistica nativa, preferiu operar em outra praia e com uma única reportagem liquidou quase todas as provas apresentadas pelo presidente do Senado Federal (doravante denominado de A Casa — a casa de quem? Da mãe Joana?).

PÉROLA METAFÍSICA

Quem pintou o clima foi Veja, merece um prêmio de dramaturgia. Com uma belíssima capa (edição nº 2012), transformou um escândalo que poderia abalar a República (se conseguisse apresentar as provas) num folhetim de segunda categoria. E, junto, fez da brava jornalista em busca da verdade uma das mais vertiginosas his-

tórias de sucesso do nosso show bizz.

A deslumbrante mulher abandonada pelo poderoso ex-amante (e prejudicada nos acertos financeiros subsequentes), de repente aparece como triunfante cover girl pronta para conquistar o mundo.

Abriu caminho para que na Folha (24/6, p. A-10), duas semanas depois, Mônica Veloso admitisse que embora queimada na profissão, está pronta para voltar à TV. “Talk-show é coisa que não descarto, seria muito legal...” Pensa grande: “Até agora ninguém me ligou [para posar nua]”. Consideraria um convite oficial “mostrando como seria feito. Sem isso não dá nem para fazer conjectura”. Na edição de terça-feira (26/6, pág. A-10), a Folha informa que a revista Playboy diz ter interesse em produzir uma capa com a “musa” e já contactou a jornalista.

Os leitores da Folha, geralmente rápidos no gatilho, não se manifestaram no dia seguinte (segunda, 25/6). Talvez tenham passado o domingo a refletir sobre esta pérola metafísica da lavra da entrevistada: “As coisas que começam errado [sic] não têm como dar certo.”

O vetusto e grave Estadão parece tão imerso no mundo da telenovela que esqueceu do resto: na mesma edição de domingo (24) colocou na capa de dois cadernos o Balzac do momento: o mesmo Gilberto Braga, autor de Paraíso Tropical, em “Casa&” e “TV&Lazer”.

Alebrto Dines
Jornalista

ARTIGO

A mídia na mira do “esquadrão da morte moral”

O afamado senador Joaquim Roriz - aquele que teria pedido a um amigo um empréstimo de R\$ 300 mil para comprar um embrião de gado nelore e dele recebeu um cheque de R\$ 2,2 milhões - é apenas o mais novo membro do esquadrão da morte moral, como disse, trocando as bolas, outro notório, o presidente do Senado Renan Calheiros, para tapar o sol com a peneira.

O esquadrão da imoralidade, seu nome certo, é uma gangue sem fim. Dela fazem parte os políticos de todos os calibres e cores, os juizes das mais variadas instâncias, as autoridades federais, estaduais e municipais que se consideram vítimas do “massacre da imprensa” quando os seus malfeitos e a sua esqualidez ética vêm a público.

Quaisquer e quantas sejam as mazelas do jornalismo brasileiro, todo jornalista que valha o seu sal só pode se sentir envaidecido quando a corja lhe ofende a profissão.

Sinal de que alguma coisa boa ela fez.

É como diz a leitora Ana Maron Vichi, de Campinas, em carta irrepreensível publicada na Folha de hoje:

“O grande crime neste país não é roubar, matar, corromper, desviar etc etc... O grande crime é falar sobre os crimes, sobre os atos ilegais, imorais e antiéticos. Portanto, o maior crimino-

so do país é, sem dúvida, o jornal. Ou o jornalista. Uma ministra que diz “relaxa e goza” e um ministro que diz que a confusão aérea é resultado do progresso mostram falta de compostura, descaso e desrespeito para com os cidadãos, além de um cinismo que não é compatível com a posição que ocupam.

P.S. “Um cara desses”

Este é o título da coluna da jornalista Eliane Cantanhêde, também na Folha de hoje. Encabeça o mais afiado comentário que me lembro de ter visto na mídia sobre a selvageria de que foi vítima a doméstica Sirlei Dias de Carvalho. Leiam e me digam se estou errado.

“Quando os filhos são pequeninos, chutam a canela da empregada, e os pais acham “natural”, fingem que não vêem. Já maiores um pouco, comem o que querem, na hora em que querem, não falam nem bom-dia para o porteiro e desrespeitam a professora. Na adolescência, vão para o colégio mais caro, para o judô, para a natação, para o inglês e gastam o resto do tempo na praia e na internet. Resolvido.

Dos pais, ouvem sempre a mesma ladainha: o governo não presta, os políticos são todos ladrões, o mundo está cheio de vagabundos e vagabundas. “E quero os meus direitos!” Recolher o INSS da empregada, que é bom, não precisa. É assim que os filhos, já adultos, saudáveis, em universida-

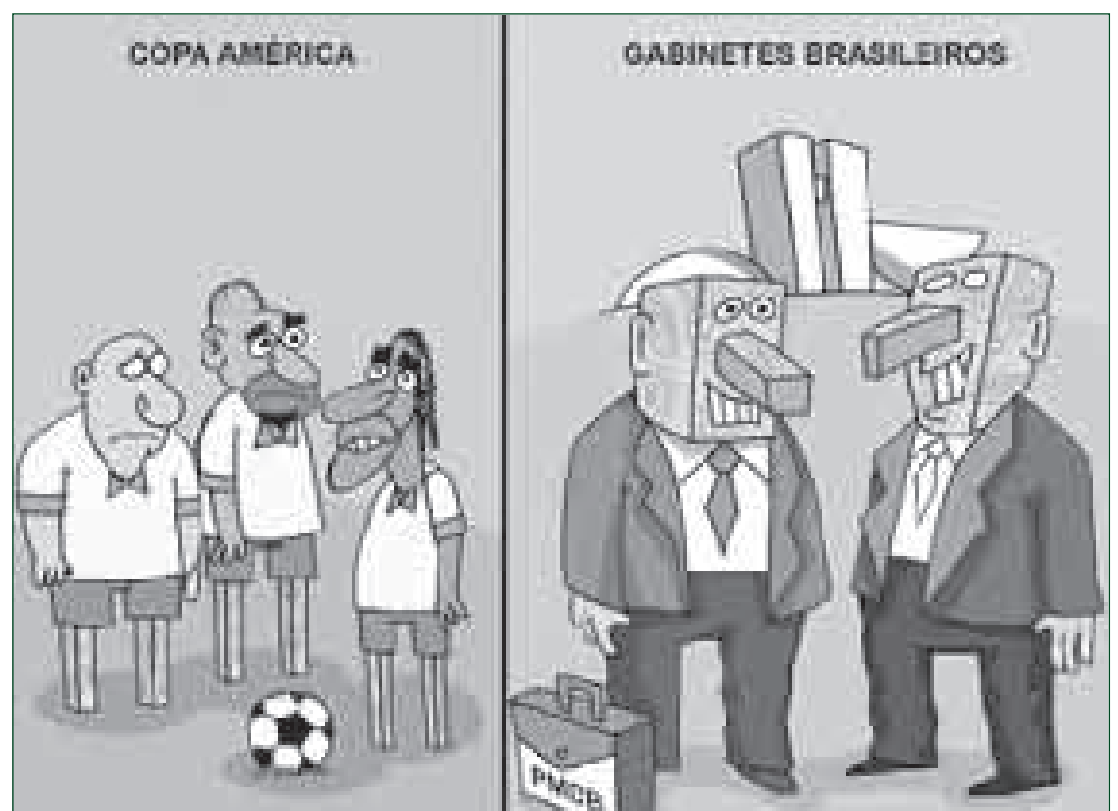
des, são capazes de jogar álcool e fósforo aceso num índio, pensando que era “só um mendigo”, ou de espancar cruel e covardemente uma moça num ponto de ônibus, achando que era “só uma prostituta”.

A perplexidade dos pais não é com a monstruosidade, mas com o fato de que seu anjinho está sujeito - em tese - às leis e às prisões como qualquer pessoa: “Prender, botar preso junto com outros bandidos? Essas pessoas que têm estudo, que têm caráter, junto com uns caras desses?”, indignou-se Ludovico Ramalho Bruno, pai de Rubens, 19.

Dá para apostar que ele votou contra o desarmamento, quer (no mínimo) “descer o pau em tudo quanto é bandido” e defende a redução da maioria penal. Cadeia não é para o filho, que tem estudo e dinheiro, um futuro pela frente. É para o garoto do morro, pobre e magricela, que conseguir escapar dos tiroteios e roubar o tênis do filho.

Isso se resolve com o Estado sendo Estado, com justiça, humanidade e educação - não só com ensino para todos e professores mais bem treinados e mais bem pagos, mas também com a elementar compreensão de que “o problema”, e os réus, não são os pobres. Ao contrário, eles são as grandes vítimas.”

Luiz Weis
Jornalista



Críticas, Sugestões, Opiniões

Participe do nosso jornal

3099-6100/3099-6114

JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

- Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição
Rua Conde Afonso Celso, nº 515
Setor Central
Fone: 3099-6100/3099-6114

- Impressão:
WAN Comunicação

Diretor-superintendente: Marcos de Carvalho Vieira
(marcosvieira77@yahoo.com)

Editor chefe: Flavio Mobaroli (flaviojornalista@hotmail.com)

Editor de Arte: Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

Repórter fotográfico: Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)

Gerente de projetos: Cecília Rodrigues (cecilia.comercial@gmail.com)